



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



João do Rio
Eva



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Eva

João do Rio

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1915.

Livro Digital nº 865 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto

(1881 - 1921)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

EVA
PEÇA EM TRÊS ATOS



PERSONAGENS DA PEÇA:

EVA DE AZAMBUJA
JORGE FONTOURA
ADALGISA PRATES (condessa papal)
SRA. ANA DE AZAMBUJA
MARTA GUEDES
GUIOMAR TORRES
ESTHER PEREIRA
SOUZA PRATES (conde papal)
GODOFREDO DE ALENCAR
BARÃO LOPES
JERÔNIMO GUEDES
DE GRANT (cônsul de França)
CARLINHOS PEREIRA
DR. ANTÔNIO DA MAIA (autoridade)
DOVAL (criado)
Dois trabalhadores.

O Local da Cena: a fazenda de café de Antero Souza Prates, conde do Vaticano. Souza Prates, de uma das mais ilustres famílias de São Paulo é o fazendeiro último modelo. Membro do Automóvel Club de São Paulo, membro do Aero de Paris, riquíssimo, levemente esnobe, faz da vida uma continua diversão. Parte do ano passa-o na Europa, quando não passa o ano inteiro. De tempo em tempo visita a sua fazenda, que fica em Ribeirão Preto, a quarenta minutos da estação. Essas visitas são sempre feitas na companhia de vários amigos, pessoas que levam a vida sem a preocupação da falta de renda — uma das mais graves preocupações da humanidade. De modo que, insensivelmente desarraigados, esses elegantes fazem desaparecer a tradição dos costumes paulistas num reflexo dandy do conforto dos castelos da Inglaterra ou da França. A fazenda de Souza Prates tem eletricidade, salas de hidroterapia, criados estilados à londrina. Os Souza Prates hospedam de modo encantador

os seus amigos com a preocupação da alegria, da agitação e do chic, que é uma palavra nova, apesar de ser uma qualidade muito antiga. A ação decorre em 24 horas, da manhã de uma Quinta-feira à manhã seguinte de Sexta, no antigo solar colonial. O salão abre para uma larga varanda, que se debruça sobre a paisagem. É difícil dizer se o salão é o de um antigo casarão de família do interior se o hall de um inglês do Mediterrâneo. Há dos dois. Há a arquitetura sólida, há a cor das paredes, há a regularidade do primeiro disfarçadas na súbita exposição de candelabros, tapeçarias, divãs, mesas de fumo e de jogo. Portas à direita e para a esquerda, dando aos outros aposentos da casa. Escada para a varanda ao fundo. O aspecto é agradavelmente disparatado: o da tradição, que não se recolhe e do modernismo apreciado em excesso.

ATO I

Quando o pano abre, brilha o sol lá fora e chiam cigarras, as cigarras que são o som do verão. Há calor. Entra a Sra. D. Ana de Azambuja, viúva do general Azambuja. Desde que enviuvou, viaja com a filha. É transatlântica. Boa, com preconceitos antigos. Insignificante, elegante, pintada, com portada. Está de branco. Sombrinha, chapéu primavera. No hall, antes da Sra. Ana entrar, está só Doval, português de nascimento, inglês de nome e francês de língua, porque a isso o obriga a linha dos patrões.

SRA. AZAMBUJA (*entrando*)

Doval!

DOVAL

Madame la generale...

SRA. AZAMBUJA

Est-ce que ces messieurs ne sont pas encore de retour?

DOVAL

Pas encore, madame la générale.

SRA. AZAMBUJA
Et Madame?

DOVAL
Elle a sonné justement sa femme de chambre.

(A Sra. Azambuja coloca a sombrinha sobre a mesa, volta-se. Entra Godofredo de Alencar, o elegante escritor tão bem relacionado. É céptico, alegre, com um ar de permanente espectador complacente. Flanela, luvas de seda branca. Doval sai, de casaca)

GODOFREDO
Deuses! A generala já de pé às onze horas da manhã!

SRA. AZAMBUJA
Aproveito o ar do campo... Mas peço-lhe um obséquo. Não me chame generala. Na sua boca esse título envelhece-me.

GODOFREDO
Com uma condição, generala.

SRA. AZAMBUJA
Qual?

GODOFREDO
Vai deixar esses ares franceses e não chamará mais campo à nossa velha roça e à fazenda de café do Souza Prates.

SRA. AZAMBUJA
Má língua! Não satisfaço assim a vontade dos proprietários?

GODOFREDO
Com exagero. Isto é o que se pode chamar uma fazenda traduzida para o francês do boulevard por um dos nossos escritores que tanto ignoram o português como o francês. Por consequência, na maioria dos casos, basta o acento agudo no fim das palavras. Em vez de ares do campo, digamos ares da fazenda.

SRA. AZAMBUJA

Você é ridículo...

GODOFREDO

Mas, minha cara D. Ana...

SRA. AZAMBUJA

Não seja impertinente, peço-lhe.

GODOFREDO

Impertinente?

SRA. AZAMBUJA

Sabe bem que não gosto que me chamem D. Ana.

GODOFREDO

Nem Generala nem D. Ana?

SRA. AZAMBUJA

Basta Madame Azambuja.

GODOFREDO

Seja. Também exijo que não me interrompa mais. Perdi o fio da análise...

SRA. AZAMBUJA

Da sátira, diga antes...

GODOFREDO

Não é verdade? Estamos numa fazenda. Qual a ideia geral de uma fazenda? Florestas, culturas; vida primitiva, simples, retirada da cidade. Esta está a quarenta minutos de Ribeirão Preto, cidade que tem cafés cantantes com chanteuses, todas do Capucines, das Folies Bergère e do Moulin Rouge, apesar de nunca se terem perdido por lá. É ou não um choque nas nossas ideias? Há mais, porém. Só o nome de fazenda faz-no pensar em negros no eito, em amplas feijoadas, leitões

assados, a absoluta falta de conforto na fartura imensa. Cá os trabalhadores, em vez de pretos são italianos visitados pelo Cônsul e defendidos (*per dio santo*) pelo patronato geral dos agricultores. E quanto ao resto, os cardápio são a francesa, há eletricidade, telefone, aparelho de duchas... Pensava ver o fazendeiro falando mole, mas feito de aço. Encontro os Souza Prates, condes do Vaticano como quase todos os jornalistas do Rio, e recebendo os amigos com a elegância de castelões franceses recentemente fidalgos. É inverossímil.

(*Pasmo*)

SRA. AZAMBUJA

Opiniões de artista a procura da cor local... Olhe, eu, se fosse um velha fazenda à antiga, não teria vindo...

GODOFREDO (*enérgico*)

Nem eu, é claro.

SRA. AZAMBUJA

Que blagueur!

GODOFREDO (*descalçando as luvas*)

O que não me impede de protestar em nome da tradição. Madame Azambuja, somos tristemente desarraigados, des deracinés, ma très chère amie... As viagens perderam-nos, obrigando-nos a representar Paris na roça...

SRA. AZAMBUJA

E a roça em Paris, grande pedante!

(*Os dois riem. Entram pela varanda, Marta Guedes, Guiomar Torres, a evanescente Ester Pereira, jovens elegantes. F atos brancos, sapatos brancos, raquetes de Lawn Tennis*)

MARTA

Bonjour!

GUIOMAR

Moming!

SRA. AZAMBUJA

Voltam do tênis?

MARTA

Claríssimo! Estivemos uma hora no campo. Por sinal que Prates precisa concertar aquilo. Os filhos dos colonos rebentaram as redes e demarcaram o chão de modo indecente.

GODOFREDO

Os filhos dos colonos, como todos os filhos, são o futuro da pátria.

SRA. AZAMBUJA

E Eva? Não estava com vocês?

GODOFREDO

Mãe carinhosa!

GUIOMAR

Eva, como sempre, pregou-nos um logro.

ESTER

Foi-se às seis horas da manhã com todos os homens...

SRA. AZAMBUJA

Oh!

GODOFREDO

Perdão. Todos não. Cá estou eu.

MARTA

Sim, ela exagera.

ESTER

Pois se até o barão Lopes, que acorda tarde, foi!

GUIOMAR

Mas ficou o Carlinhos, que nos queria ensinar o futebol.

GODOFREDO

Por causa da Ester?

ESTER

Que mentira!

MARTA

E também o Jorge Fontoura. Esse esteve a marcar os pontos. Mas é um sujeito mais grave que um com boio da central.

GUIOMAR

Pudera! Se é um engenheiro e descarrila... Foi quem nos informou que Eva saíra às 6 horas com os nossos companheiros, para uma partida de caça...

SRA. AZAMBUJA

Meu Deus, minha filha caçando!

MARTA

Descanse, não dá um tiro!

ESTER

Mesmo porque quem a Eva tem de matar, não foi...

SRA. AZAMBUJA

Que inconveniência é essa, Ester?

GUIOMAR

Mas se toda a gente sabe?

SRA. AZAMBUJA

Sabe o quê?

MARTA

Que o pobre Jorge está loucamente apaixonado por ela!...

ESTER

Foi por isso que Eva não o convidou para o passeio. Ela não gosta de paixões.

SRA. AZAMBUJA

Meu Deus! Que revelações! Precisamos aclarar os fatos!

GODOFREDO

Mas aclarar o que D. Ana?

SRA. AZAMBUJA

Madame Azambuja, se faz favor!

GODOFREDO

Perdão! Não há nada positivamente a aclarar! Que culpa tem Eva de que a amem? Ela brinca, ri e consegue ser especial. Há quantos dias estamos cá?

MARTA

Há quinze.

GODOFREDO

Qual o flirt de Eva?

ESTER

Todos!

(Riso geral)

GODOFREDO

Quer dizer nenhum! Ela pode desfazer flirts, mas os trata igualmente...

MARTA

Inclusive os nossos maridos.

GODOFREDO

Sem que ninguém descubra preferências.

SRA. AZAMBUJA

Foi sempre assim. Onde vai, todos a amam...

GUIOMAR

E ela não ama ninguém.

GODOFREDO

Tem o chic de não fingir. Numa mulher é espantoso.

MARTA

E no homem é impossível!

GODOFREDO

Ora Eva tem 22 anos, e não amou nunca. Jorge tem 32 e é a primeira vez que ama com ímpeto, com desespero, com paixão. Jorge é sincero e digníssimo.

GUIOMAR

Nunca foi a Paris...

GODOFREDO

Mas tem ido a Minas Gerais, o que neste tempo é também importante. Não poderia haver oposição ao casamento, se Eva amasse.

SRA. AZAMBUJA

É difícil!

MARTA

Você mesmo a denominou “menina barulho”...

GODOFREDO

Se ela vencer a paixão, será incomparável. Teremos barulho maior!

(Entra Madame Adalgisa Souza Prates, bonita, macia, infantil, elegante. Tem um vestido que é magnífico, e gosta muito que lhe digam cumprimentos)

ADALGISA

Enfin je vous trouve!...

TODOS *(em tomo)*

Bonjour! Morning! Ma chère...

GODOFREDO *(acentuando)*

Bom dia!

ADALGISA

Porquoi crier comme ça?

GODOFREDO

Para valorizar o português. Vocês falam de tal forma, que quando aparece uma palavra nossa é preciso acentuar o descuido.

ADALGISA

Impertinente!

GODOFREDO

O chic, ma très chère amie, está em dizer amabilidades com impertinências. *(Beija-lhe a mão)*

ADALGISA

E a quem diz você amabilidades quando grita: “Bom dia”?

GODOFREDO

A o país! A pátria! Essa abstração fica tendo a certeza de que não esquecem os — nous n'avons pas encore tout à fait oublié, all right a língua do país!

ESTER

Maluco!

ADALGISA

Não lhe digo o mesmo porque você é meu hóspede.

GODOFREDO

Que pena não estar no seu lugar! Diria a todos nós o que não quer dizer só a mim... Mas permita que a ache encantadora.

ADALGISA

Oh! Não lisonjei...

TODOS (*em tomo*)

Não. Estás linda! Que beleza! extraordinária!

(Entra Jorge. É um forte homem, simpático, de gestos francos e decididos. Está vagamente inquieto. Flanela azul)

ADALGISA

Dr. Jorge, venha em nosso auxílio. Godofredo agride todos os meus hóspedes.

JORGE (*saudando*)

Godofredo faz o esporte das palavras.

GODOFREDO

Para fazer alguma coisa barulhenta, para estar dans le train. Il faut du tapage! Em compensação você faz o esporte do silêncio. Parece um jogador de xadrez.

ESTER

Resolve o problema.

MARTA

Não sabe se com e a Torre ou a Dama.

JORGE

Minha senhoras, tenham piedade!... Não sei o exercício perigoso da ironia...

GUIOMAR

Faça como Godofredo que fala mal da gente e nos copia literalmente.

GODOFREDO

Perdão. Falta uma sílaba. Literariamente.

GUIOMAR

Olhem como está vestido. Parece um dandy em Deauville...

ADALGISA

Deauville! Lembra-se, madame Azambuja, da estação, há seis meses? Os hotéis eram por um preço fabulosos.

SRA. AZAMBUJA (*aos outros*)

Madame Prates tinha uma série de salas no primeiro andar num dos primeiros hotéis. Pagava um preço inaudito.

ADALGISA Ora! Lembro-me apenas o quanto me diverti com Eva... Imaginam que ela conseguiu o seu trem de seis!

ESTER

Seis?

SRA. AZAMBUJA (*desejosa de atenuar um mau efeito*)

Brincadeira da minha filha.

ADALGISA

Sim, seis flirts. Um argentino, um russo, um príncipe húngaro casado, cuja mulher andava pelas ruas de sandálias gregas, dois ingleses virgens e um francês que era apenas um "De Morny"!

TODOS (*com respeito*)

Oh!

JORGE (*rompante*)

Devia ser o mais imbecil!

SRA. AZAMBUJA
Era a opinião de Eva.

JORGE
Pois claro!

SRA. AZAMBUJA
E oito dias depois só restavam dois flirts, o príncipe húngaro e um dos inglesinhos que Adalgisa julgava virgem... O príncipe tratava Eva como um pai.

ADALGISA
E o inglesinho chorava.

GODOFREDO
Na cama?

ADALGISA
Ora que ideia! Chorava quando nos via. Pensará o senhor que ele nos via deitado?

MARTA
Inteiraente Eva!

ADALGISA
A tentação!

GUIOMAR
Decididamente não casará. Não é a sua opinião. Sr. Jorge?

JORGE
Não conheço com intimidade a pessoa de que fala para dar uma opinião.

SRA. AZAMBUJA
Não diga tais coisas, Guiomar. Tenho tanto medo do gênio de Eva!

ADALGISA

Oh! Ela acaba como as outras. Terá de amar. E exige, quer o impossível!... E preciso adivinhá-la... Apenas temo que poucos homens sejam capazes hoje de perder o tempo adivinhando uma mulher...

GODOFREDO

Pois se o tempo é das soluções rápidas! Não vê a condessa que até as charadas desapareceram dos jornais?

ADALGISA

Charada ou não, todos a estimam. Hoje levou a galopar até o barão Lopes. Quando ontem à noite ela me contou o plano, confesso que não esperei tanto...

JORGE

Vossa excelência sabia então do passeio?

ESTER

Pois Eva conta tudo a Adalgisa...

ADALGISA (*rindo*)

E sabia que o senhor não ia porque tem um ar de juiz casmurro...

GUIOMAR

Só?

MARTA (*rindo*)

Só, naturalmente...

ESTER (*rindo*)

Só, naturalissimamente...

JORGE

Julgou-me severamente. Mas não compreendo...

ADALGISA (*rindo*)

É melhor não se dar a esse trabalho. Mas são onze e meia. Vocês vão almoçar em traje de tênis? Tem os só m eia hora...

GUIOMAR

Tiens, je me sauve...

MARTA Anche io, carina...

ESTER

Y yo, mi querida...

(*Saem a correr as três*)

ADALGISA

É que temos um dia cheio de trabalho! O torneio de brigde, a visita às plantações de uvas do Dr. Barreto, o chá, o jantar, e à noite, a serenata dos colonos italianos. Pelo menos faço o possível para que os meus hóspedes não se aborream.

GODOFREDO

A condessa é o gênio da hospitalidade.

ADALGISA

Feio! Venha comigo, Madame Azambuja. Vou mostrar-lhe uns figurinos.

GODOFREDO

Vou também. Os figurinos são as únicas pinturas decadentes, que ainda compreendo.

ADALGISA

Você fica como Dr. Jorge. É castigo. Para falar menos!

(*Saem rindo*)

GODOFREDO

Má!

JORGE (*impetuoso*)

Viste as insinuações dessas senhoras?

GODOFREDO

O amor brilha, mancebo!

JORGE

Nada de pilhérias, Godofredo. Sinto que estou sendo ridículo. É humilhante. Não sirvo para sociedade tão frívola. Levam tudo em troça. Sou um simples. Sou um matemático.

GODOFREDO

Pertences ao derradeiro grupo dos vencedores do amor. Sim. A equação e o cálculo são as bases do conhecimento da mulher, que é positivamente um estudo de geometria no espaço...

JORGE

Não faças frases. Deixe-as para quando houver gente...

GODOFREDO

Mas é um vício, homem. Faço frases, como quem bebe. Para distrair-me. As frases dizem sempre o contrário do que pensamos.

JORGE

Godofredo! Tem piedade. A minha situação é de ridículo.

GODOFREDO

Ridículo tu, por que amas? Estás doido. Aqui só tu não és ridículo por que és sincero. Vamos a saber... (*Olhando o dia*) Que lindo dia, hein?

JORGE

É.

GODOFREDO

Nem olhaste! Como vocês, engenheiros, devem amar! Só se apercebem do sol porque estudaram astronomia, e das árvores porque fizeram exame de botânica. Fica tudo para a mulher.

JORGE
Incorrigível!

GODOFREDO
Palavra! Um homem como eu, um artista — porque eu sou um artista — neste momento, por exemplo, percebo que lá fora chiam as cigarras de Homero (*perde-se no ambiente*). O engenheiro ataca o resumo. Só vocês podem conquistar ainda uma mulher, porque são capazes do sacrifício!... Mas surgem dois trabalhadores, que falam com carregado acento italiano, e vagarosamente, com atenção, já estão a descer da varanda.

GODOFREDO (*vendo-os*)
Que há?

PRIMEIRO TRABALHADOR
O patrão?

SEGUNDO TRABALHADOR,
O conde de Prates...

GODOFREDO (*seco*)
Não está!

PRIMEIRO TRABALHADOR
E que disseram que já chegara... Não são os seus aposentos aqueles?

GODOFREDO

São. Mas que tem vocês com isso?

SEGUNDO TRABALHADOR
Não. Queremos falar só...

JORGE

Falem ao capataz... É melhor, ou voltem.

PRIMEIRO TRABALHADOR

Voltaremos... Perdão...

(Saem rápido)

JORGE

Que caras!

GODOFREDO São os substitutos dos pretos, meu caro. Anarquistas, protegidos pelos patronatos e os cônsules! Os fazendeiros paulistas bailam sobre um vulcão. Um desses tipos parece-me o jardineiro. Ainda outro dia encarregou-se do fogo de vistas. Que problema terrível!

JORGE

Qual?

GODOFREDO

A ligação dos casos. Um vulcão que solta foguetes!

JORGE

Queria ter bom humor!

GODOFREDO

Não terias tempo para amar. Ah! Mas é verdade. Tratávamos do teu ridículo. Ridículo por quê?

JORGE *(ímpeto)*

Ridículo por tudo. Ridículo porque já todos sabem, ridículo porque não posso me conter, ridículo porque não sou correspondido. Tenho apenas a dizer-te uma coisa: — parto amanhã.

GODOFREDO

Nada de infantilidades. Que vieste cá fazer? Vieste por interesse. O Prates precisa do levantamento de plantas e da transformação dos terrenos que tem em Goiás. Tens de ficar para contentar Prates que te fará sócio nessa fantasia.

JORGE
Fantasia?

GODOFREDO
Goiás é uma ficção geográfica. Mas em todo caso, precisas acompanhar Prates na quinzena em que ele faz de parisiense fazendeiro, tens uma linda posição, tens talento e a tradição de uma família de engenheiros ilustres. Todos nós acompanhamos o esnobismo do Prates. Fica!

JORGE
Mas é que todos começam a rir de mim.

GODOFREDO
Porque amas. É inveja.

JORGE
Oh!

GODOFREDO
E amas, matematicamente.

JORGE
Acabas enervando-me com a matemática.

GODOFREDO
Amas como quem nunca foi a Paris, amas como quem nunca teve um camiseiro elegante e um *botier épatant*, amas como quem doma a terra, ó animal raro! sinceramente. O riso é inveja, fenómeno!

JORGE

Pois seja, seja o que quiseres. Mas para quê? Ela é elegante, frívola, *flirteuse*, não gosta de ninguém. Eu não fui a Paris.

GODOFREDO

Por isso mesmo és perigosos...

JORGE

Ela evita-me! Godofredo! Não! Não é possível! Não desejei nunca uma coisa que não a obtivesse. E esse amor, o meu primeiro amor, o meu único amor que me despreza!

GODOFREDO

Conquista-a!

JORGE

Desde o dia que aqui cheguei que a amo, que a sinto diversa do que deseja ser, que a desejo, que a quero... E cada vez mais! Cada vez mais, a proporção que a vejo fugir-me. Não. Fica sabendo. Eu achei ocasião de falar-lhe. E digo-te eu: é a minha vida ou meu fim... Parto amanhã.

(Algazarra fora. Jorge precipita-se)

GODOFREDO

Aposto mil libras, aposto a fazenda do Prates, aposto o inexistente Goiás como não partes.

(Fora barulho. Um toque de trompa desafinado. Latidos de cães. Erupção no hall. Barão Lopes, velho decavé et bon enfant Ernesto de Grand, cônsul de France, Souza Prates, o gentleman do café, muito chic, Jerônimo Guedes, esposo de Marta. Carlinhos Pereira, petiz cheio de suficiência)

BARÃO

Mas é a trombeta de Jericó!

JERÔNIMO

Eva, pelo amor de Deus!

SOUZA PRATES

Eva!

GODOFREDO

Mas que é isso?

CARLINHOS

Eva que está tocando o *halali!*

JORGE

E caça?

JERÔNIMO

Nenhuma! Pilhérias de Eva!

SOUZA PRATES

Eva, ou paras, ou vou buscar-te pelas orelhas!

EVA (*dentro*)

Duvido, Napoleão!

SOUZA PRATES

Repete!

(*Toque de trompa*)

SOUZA PRATES (*correndo pela galeria*)

Vais ver.

CARLINHOS

Eu cerco.

(*Algazarra, gritos. Eva de Azambuja, Amazona elegantíssima. Ramo de flores silvestres. A trompa. Entra rindo, perseguida por Souza Prates e Carlinhos*)

EVA (*refugiando-se por traz de um divã*)

Não vale! Não vale! Covardia. Os homens são covardes.

BARÃO (*interrompendo-se comicamente*)
Pois eu defendo.

EVA
Obrigada, Barãozinho de minha alma.

GODOFREDO
E Eu!

EVA
O cronista repete os outros. Venha.

DE GRANT
Mais moi aussi, Mademoiselle.

EVA
Som os aliados.

SOUZA PRATES
Mas a menina leva a trompa como uma *scie* contra todos nós e ainda
vocês passam?

EVA
Conde, este divã é a Bélgica. Ou você passa ou é boche!

SOUZA PRATES
Corro a salvar-te!

JERÔNIMO (*rindo também*)
A salvarmo-nos é que é.

CARLINHOS
Então eu também.

EVA
Aceito por que se rende!

(Todos ficaram ao lado de Eva. Jorge sorri sem tomar uma resolução)

EVA

Do alto desta trincheira! *(Toca a trompa. Todos tapam os ouvidos)* Chamo, ninguém me responde; olho e não vejo ninguém!...

GODOFREDO

Vês o Jorge.

EVA

Engenheiro!

JORGE

Mademoiselle.

EVA

Você é o inimigo.

JORGE

Mas eu passo...

EVA

Nunca! Precisamos de inimigos.

BARÃO

A superioridade do número é terrível.

EVA

Mas ele é alemão.

JORGE

Perdão!

EVA

Tem que ser!

TODOS

Tem que ser! Tem que ser!

EVA

Alemão, renda-se! Não se rende? Lá vai bala! (*Atira-lhe o ramo*)
Avancem os. (*E precipita-se com todos sobre Jorge. Riso geral*) Vencem os.
Levem o ferido! Debandar! (*Toca a trompa, fogem todos. Ela cai no divã*)
Uff! Manhã trabalhosa!

(*Adalgisa e Sra. Azambuja entram*)

ADALGISA

Mas que é isso? Que há?

SRA. AZAMBUJA

Revolução?

EVA

As grandes campanhas da Bélgica.

SOUZA PRATES

Não imaginam o que fez Eva!

DE GRANT

Mademoiselle a été charmante.

ADALGISA

E não nos levaram!

EVA

Meu amorzinho... Impossível! Era um passeio só de homens.

SRA. AZAMBUJA

Minha filha!

ADALGISA

Mas ficaram vários; o Godofredo, o Jorge, o Carlinhos.

EVA

Explico — Godofredo é cronista, o Froissart do Castelo. Só pode escrever bem o que não viu. Ergo — Inútil como presença. O engenheiro calcula e o cálculo entristece. Logo, afastado. O Carlinhos é criança e nós éramos todos maiores. Hei de passear com os três quando estiver para aborrecer-me. De resto, são os meus únicos partidos neste solar, os únicos solteiros. Eles e o barão.

SRA. AZAMBUJA

Não diga inconveniências, Eva.

EVA

Ora! Se até já escolhi o barão, mamã?

BARÃO

Eu não me caso.

ADALGISA

Por quê?

BARÃO

Porque seria infelicíssimo.

JERÔNIMO

Por quê?

BARÃO

Porque o merecia.

GODOFREDO

Por quê?

BARÃO

Por que teria casado. Há maluquice maior?

EVA

Muito bem. Como barão, podem os repousar, depois de quem eu gosto aqui, de fato, não é de nenhum de vocês. E de Adalgisa.

ADALGISA

Lisonjeira!

EVA

Como ela está bonita! Se fosse rapaz, o Prates não teria a Adalgisa sem passar pelo meu cadáver.

SOUZA PRATES

E se eu fosse a Adalgisa fugia com a Eva...

EVA

Pretensioso! Mas como passou o meu amor amanhã?

ADALGISA

Ouvindo o Godofredo dizer inconveniências.

EVA

Só?

GODOFREDO

E trabalhando a toilette...

EVA

É da sua conta? Ela é bela. A toilette custa porque as coisas mais bonitas acham-se feias perto dela...

ADALGISA

Oh! Eva, como és boa...

EVA

Digam qual dos dois é mais lindo: o fio de pérolas ou o pescoço de Adalgisa? E entretanto nunca vi pérolas mais belas.

JERÔNIMO

São raras.

SOUZA PRATES

O Fontana de Paris levou três anos a colecioná-las. Todas iguais.

GODOFREDO

As joias de madame Prates são a afirmação do bom gosto.

DE GRANT

Oh! oui!

BARÃO

Do seu bom gosto e da sua fortuna. O colar está a dizer as duas coisas.

SOUZA PRATES

Há mais caros, esta vale uns 300.000 francos.

EVA

Não o roubo por que preferia Adalgisa.

ADALGISA

Louquinha.

SOUZA PRATES

Mas vamos almoçar ou não?

TODOS

Vamos. Estou com grande apetite.

JERÔNIMO

Vou ver minha mulher... (*Sai*)

BARÃO

Estou sujíssimo. (*Sai*)

DE GRANT

Permettez, madame la comtesse. (*Sai*)

SOUZA PRATES

Meu caro Jorge, que me diz dos documentos de Goiás?

JORGE

Que documentos?

SOUZA PRATES

Onde tem a cabeça? Os que lhe dei ontem à noite?

JORGE

Perdão, ainda não os li.

SOUZA PRATES

Partimos para São Paulo dentro de oito dias. É preciso ter o plano traçado. Caso queira, ficará com a chefia da exploração.

ADALGISA

Mas, vamos ou não? Godofredo, ande daí.

EVA

Movimente-se, homem artrítico.

GODOFREDO

Obedeço. E verdade. Esquecia-me. Estiveram dois trabalhadores cá.

JORGE

Vinham a sua procura.

SOUZA PRATES

A minha procura? Essa gente não se atreve. É impossível. São perigosos aliás. Não os recebo nunca.

GODOFREDO

Um deles creio que era o jardineiro...

SOUZA PRATES

Bem. Coisas da iluminação, logo à noite...

ADALGISA

É o mesmo que tanto trabalhou para descobrirmos o diamante que me roubaram o ano passado.

EVA

E que ninguém descobriu?

GODOFREDO

Naturalmente.

ADALGISA

O almoço é dentro de dez minutos. Até logo, Madame Azambuja, Godofredo! — Honorato, creio que não vais para a mesa assim?

(Debandada geral)

(Eva fica um instante só. Depois Jorge, que não saiu da varanda)

EVA

Uff! Toca a vestir! Toca a almoçar! Divirtamo-nos.

JORGE *(aproxima-se)*

Que? Solitária?

EVA *(rindo)*

Ora! Apenas por que eu estava só é que o engenheiro voltou. Há meia hora esperava a ocasião. Sim ou não?

JORGE

Sim.

EVA

Pois tenha uma surpresa. Fiquei por que contava com a sua presença.

JORGE

Eva, não brinque.

EVA

Palavra. Para dar uma compensação ao passeio...

JORGE

Foi má.

EVA

Continua o flirt?

JORGE

Chama isto flirt?

EVA

Nada de emoções, Jorge. Depois da trompa, estou incapaz de resistir.

JORGE

Mas é que a senhora trata a brincar um sentimento profundo.

EVA

Ora!

JORGE

Vamos a saber... que pensa a meu respeito?

EVA

O que penso dos outros: nada.

JORGE

Só?

EVA

Quer mais?

JORGE

Se fosse possível...

EVA

Pois penso sim; penso que você é um engenheiro de 32 anos, que vai para uma terra que não existe e que se chama Goiás...

JORGE

Eva! Eva!

EVA

Como está patético!

JORGE

Eva, fale sério, não esconda a alma...

EVA

Começa o interrogatório, tem os o juiz. Decididamente errou a vocação.

JORGE

Não é possível que seja assim; não é possível que não reconheça a sinceridade, a profundidade do meu sentimento.

EVA

Vamos almoçar.

JORGE

Não sei flirtar...

EVA

Vê-se...

JORGE

Permita que lhe pergunte: já amou na vida?

EVA

Indiscreto!

JORGE

Se tivesse amado uma só vez compreenderia a força angustiosa, irresistível...

EVA

Jorge, até logo!

JORGE

E respeitá-la-ia e teria um pouco de reflexão. Eu não brinco, eu não divirto...

EVA

Infelizmente...

JORGE

Por que é o meu coração, é a minha vida que está em jogo.

EVA

Oh!

JORGE

Eu amo-a, Eva, irrevogavelmente. Sinto que deve ser o amparo, a luz, o bem da minha vida. E quero ser seu esposo, por que a sinto boa, nobre, diversa do que quer parecer.

EVA

Mas você está doente, Jorge...

JORGE

Imensamente, para toda a vida. E da senhora depende tudo, o desastre ou a felicidade. Ninguém Eva a amará como eu a amo. Dê-me uma palavra, diga essa palavra. Mas não brinque, fale sério.

EVA

Par que lhe serve ter estudado matemática?

JORGE

Para a resolver.

EVA

Eu sou a quadratura do círculo.

JORGE

Por Deus! Não me atormente mais. Seja o que eu sinto que é. Francamente. É a minha vida que está diante da sua. É o meu coração diante dos seus olhos, é o meu sonho a seus pés — é um homem que lho pede. Eva! Eva! responda!

EVA

Com teimosos como você não é possível brincar!

JORGE

Não!

EVA

E é preciso responder?

JORGE

É.

EVA

Vou falar-lhe a sério. Um segundo apenas para não envelhecer muito. Jorge, sou maior, tenho algum juízo, posto que não pareça e há uma coisa que me causa medo — o casamento. Há dois mil anos um literato chinês — Pau-Hoei-Pau...

JORGE

Que tipo era esse?

EVA

Uma espécie de Godofredo na China. Há dois mil anos o chim literato escreveu: “Se a mulher casa por vontade do coração é por toda a vida; se casa contra a vontade é também por toda a vida”.

JORGE
Onde leu isto?

EVA
Num jornal de Paris.

JORGE
Mas, daí?

EVA
Daí Jorge, uma declaração que me parecia inútil se você tivesse o espírito das nuances. Eu sou de fato sincera. A vida sem sinceridade ou com indiferença assusta-me. É preciso casar? Seja. Mas com um homem que nos ame de verdade, com um amor que seja para toda a vida, com alguém que nos conquiste, que nos mostre a profundidade do sentimento, sem palavras, sem retórica, com fato. Por que o meu amor será por toda a vida, também...

JORGE
E para ter esse amor?

EVA
É preciso tudo!

JORGE
Pois eu lhe digo: ou eu a tenho ou desapareço por que isto não é vida. É incêndio. É dor. É delírio!

BARÃO (*na varanda*)
Vocês vêm ou não vêm almoçar?

EVA
Barão, salve-me! O Jorge fez-me uma declaração. Quer casar comigo.

JORGE
Eva!

BARÃO

Quer castigo, então?

JORGE

Que castigo?

BARÃO

O maior castigo para o celibatário — o casamento!

EVA

Apoiado! Viva o Barão! (*Vendo a trompa*) Mas toquemos o sinal do almoço! (*Grita e sopra a trompa*) Almoço! Lanche.

(*Ao ruído aparecem todos os personagens, tapando os ouvidos, atordoados e rindo*)

BARÃO (*as gargalhadas*)

É a Eva! É o barulho!

EVA

Almoço! Almoço!

(*E o pano cerra-se na confusão de protestos e gritos sob a desafinação da trompa*)

ATO II

O mesmo hall. Onze horas da noite. Faz luar que começa a lamber as colunas da varanda. Ouve-se um tango argentino na outra sala, tango que se prolonga bastante. Há também risos, exclamações que chegam em surdina ao hall... Jorge está só na varanda. Smoking. De resto todos fizeram toilette de noite. Smokings. Decotes.

GODOFREDO (*que entra*)

Afinal descubro-te. Estavas a admirar a lua? Olha que calha bem a um namorado.

JORGE

Estou repousando apenas. Tanta diversão junta acaba por fazer-me mal.

GODOFREDO

Perdeste. Eva ensina o tango argentino à Marta. Marta, antes de dançar, participou-nos solenemente que não era cocote. Perfeitamente divertido.

JORGE

Por que finges que te divertes...

GODOFREDO

E ainda a melhor maneira de aborrecer-me sem dar por tal. Estamos numa sociedade fútil! Sou fútil. Amanhã aparece Platão.

JORGE

Não aparece.

GODOFREDO

Vamos que apareça. Eu logo começo a passear com Platão e a disreter a respeito do sentido alegórico da poesia. Como Souza Prates, porém, é só baixa de café, Paris, elegância e pôquer. Tu não compreendes as nuances.

JORGE

Já me disseram isso, e eu respondi que era sincero.

GODOFREDO

Eu também. Apenas devemos ser sinceros de acordo com os indivíduos com que tratamos. Sincero de um modo só é viola com uma corda única... *(Pausa, acabrunhado)* Esta minha frase cheira a aforismo de caboclo. O ambiente! A fazenda, apesar de traduzida, começa a deteriorar-me!...

JORGE

Godofredo, não estejas a brincar, quando atravesso o mais trágico momento da minha existência.

GODOFREDO

Trágico momento por quê? Por que amas! Isso tem acontecido a muita gente.

JORGE

É que eu amo desesperadamente. Nunca senti isso. É aflição, é angústia, é um desejo imponderável e envolvente, estranho, dominador, obsecante. Vou a perder vertiginosamente o domínio sobre mim mesmo.

GODOFREDO

O self-controle...

JORGE

É o desespero de queda irrevogável.

GODOFREDO

Mas, se é assim, fala-lhe...

JORGE

Já lhe falei.

GODOFREDO

Recusou?

JORGE

Citou-me a China.

GODOFREDO

É mais longe que Goiás.

JORGE

Quer ter a certeza do amor.

GODOFREDO

Se te disse isso, disse mais que aos outros.

JORGE

Mas que hei de fazer?

GODOFREDO

Conquista-a.

JORGE

É inexplicável. Sinto-a boa, digna. Mas inexplicável. Não há outra assim...

GODOFREDO

Fantasia! Todas as mulheres se parecem por mais extraordinárias que nos pareçam a nós. Vão umas por certas ruas, outras por outras, ainda outras dão uma porção de voltas. Mas no fim chegam todas ao cais. Quem as espera no cais não perde tempo. O cais é o casamento às vezes. Devo dizer que simpatizo com as voltas de Eva, antes de chegar ao cais. Eva é sedução, m isto de crença e de diplomata. Apesar de dominar onde chegue, ninguém fala mal dela.

JORGE

Não dá motivos para isso.

GODOFREDO

O que não impede do fato ser prodigioso no Brasil, onde só se fala mal dos que não dão motivo. Há motivo maior?

JORGE

O doloroso é ser tratado exatamente como os outros. Eva não quer casar.

GODOFREDO

Ainda um ponto de destaque. Ela espera uma chave boa.

JORGE
Godofredo!

GODOFREDO
Sim, meu caro Jorge! O marido para as meninas modernas é uma espécie de chave de trinco para os rapazes de 15 anos. Eles não fazem questão senão de cair na rua. Elas não pensam senão em cair no mundo. Qualquer chave serve. O marido é a chave de trinco social. Eva não quer chave de trinco, quer chave de cofre.

JORGE
Seja como for, ela decidirá da minha sorte!

GODOFREDO
Mas que é isso?

JORGE
É que para mim essa rapariga é a vida. Não darei mais um passo sem ela. Sinto-me quebrado e sem forças só de pensar num futuro em que não a veja. E desejo-a, Godofredo, como o consolo, como a paz, como a alegria. Ou ela dá-me uma esperança ou eu desapareço.

GODOFREDO
Que vais fazer?

JORGE
Partir, afundar, sumir...

GODOFREDO
E Goiás? E a fortuna?

JORGE
Que é a fortuna sem o que se deseja?

GODOFREDO
Mesmo em Goiás, tens razão, é nada.

JORGE

Mas eu quero-a com tal ímpeto que se não tivesse uma sombra de esperança, matava-me!

(Adalgisa Prates e de Grant entram)

DE GRANT

Quelle charmante soirée!

ADALGISA

Vous allez voir la serenade. C'est pour onze heures et demi...

GODOFREDO

Deve ser interessante. Canções napolitanas com fogo de vistas, não?

ADALGISA

Oh! Estavam aí. Ainda bem, Godofredo. Há pouco eu e Mr. De Grant tropeçávamos numa dificuldade da língua portuguesa.

GODOFREDO

Não é possível. O português, como língua, é uma miragem...

DE GRANT

Mais non; c'est vrai! Votre langue est tellem ent dijficile...

GODOFREDO

Et vous, Mr. le consul, tellem ent gentil.

ADALGISA

O tropeço era apenas este: como traduzir robe panierl?

JORGE

Mas... vestido de cesto.

ADALGISA

Fica terrível.

GODOFREDO

Tradução ao pé da letra. Cesto é de fazer perder o sexto sentido.

DE GRANT

Comment?

GODOFREDO

O sentido da cestualidade...

ADALGISA

Está a rir e o caso é sério. Trata-se da moda, ouviu?

JORGE

A moda é a moda.

GODOFREDO

O que vale dizer: um tolo é um tolo!

DE GRANT

Mais vous, vous êtes un ironiste...

GODOFREDO (*a Jorge*)

Positivamente, este francês chucha com todos nós!

(Entram rindo Ester, Guiomar, o Barão)

GUIOMAR

Querem saber a última do Barão?

ADALGISA

Inconveniente?

ESTER

Inconvenientíssima.

BARÃO

Nada. Dizia apenas a verdade. E repito-a. Minhas senhoras: eu sou virgem!

GODOFREDO (*apertando-lhe a mão*)
Meus parabéns!

ADALGISA
Shoking!

BARÃO
É esta a sociedade! Acham um homem imoral porque é virgem!

EVA (*entra a correr*)
Barão! Barão! a notícia corre.

JORGE
Que notícia?

EVA
Esteja quieto, não é consigo.

GUIOMAR
Neste momento acaba de confirmá-la!

EVA
Barão, você é virgem?

BARÃO
Como Santa Tereza.

GODOFREDO
Ou como a imperatriz Teodora.

EVA
Neste caso está demitido de meu flirt preferido.

BARÃO

Perdão. Sou virgem mas amo.

EVA

A mim?

BARÃO

A todas. É como uma tristeza, uma saudade...

ADALGISA

Mas então é moléstia.

EVA

É, e grave. É a nostalgia do desconhecido...

GRANT

Mas oui!

GODOFREDO

Assim como lembrar o equador sem nunca ter passado a linha...

EVA

Inconveniente! Mas que mau costume o de aproveitar-se de minhas frases!

JORGE

E por que diz tantas frases?

EVA

Porque quero.

JORGE

E se eu lhe pedisse que não as dissesse?

EVA

Perdia o espírito.

(Entram Madame Azambuja, Souza Prates, Marta, Jerônimo, Carlinhos)

SOUZA PRATES

Não! Antes de tudo a ordem. Às 11:30h em ponto verão romper uma das canções e a essa hora o jardineiro acenderá o primeiro fogo de bengala

SRA. AZAMBUJA

Deve ser lindo.

CARLINHOS

Souza Prates é incomparável.

SOUZA PRATES

Na Itália todas as serenatas têm fogos de bengala. Lembram-se de Veneza?

JERÔNIMO

Mas depois da serenata, tem os pôquer? Preciso de revanche!

SOUZA PRATES

Naturalmente.

MARTA

Este meu marido só pensa em pôquer. Ainda acabo por traí-lo.

JERÔNIMO (*beijando-a*)

Ingrata.

SOUZA PRATES

Posso mostrar-lhe daqui o local em que romperá a canção. Voulez-vous voir, de Grant?

(Sobem alguns para a varanda)

MARTA

Dr. Jorge, venha flirtar um pouco comigo...

EVA

Jorge não sabe flertar.

JORGE

Por que acho que não se brinca com coisas sérias.

SRA. AZAMBUJA

Minha filha, que é isso?

EVA

Adalgisa, acuda-me! Todos censuram-me. O Dr. Jorge, a mamã. Vou chorar. Eles querem coisas sérias...

GODOFREDO

Pois eu sou da opinião de Eva. Só devemos brincar com as coisas sérias.

(As outras não têm importância alguma)

ESTER

Por isso mesmo...

BARÃO

Deixe-o falar. Olhem, há uma coisa séria com que ninguém pode brincar: é o amor.

ADALGISA

Bravíssimo!

BARÃO

Já tive um amigo que quis brincar com o amor. O amor era uma senhora histérica.

GUIOMAR

Este barão!

BARÃO

Um belo dia ela entrou-lhe por casa, de revólver em punho: “Diz que me amas, ou m ato-te!” Ele, não podendo fugir, gritou: amo-te! Ela caiu-lhe nos braços. E estão assim há quinze anos.

EVA

Pobre homem. Deve estar cansado...

ADALGISA

E que braços terá para levar tanto tempo nessa posição...

SOUZA PRATES (*da varanda*)

Adalgisa!...

ADALGISA

Meu amigo.

EVA (*retendo-a*)

Espera. O teu colar está bem seguro?...

ADALGISA (*certificando-se*)

Está.

EVA (*subindo com ela*)

Sabes que ficastes m ais linda agora à noite?

(*Estão todos na varanda a conversar. Só na cena Barão — Godofredo — Jorge*)

GODOFREDO (*sentado*)

Este barão é divino!

JORGE

O que me admira é o seu repositório...

BARÃO

De disparates, não?

JORGE
Não digo isso.

BARÃO
É apenas um modo de ser. Não há o homem. Há homens, expressões e modalidades. Você, por exemplo, é uma expressão...

GODOFREDO
Um pouco fora da moda.

JORGE
Nada tens com isso!

BARÃO
Godofredo é outra...

JORGE
...literato da moda...

GODOFREDO
E o senhor que tem com isso?

BARÃO
Eu sou outra. Peço apenas que não digam o que eu sou...

SOUZA PRATES (*na varanda*)
Barão, escute um momento.

BARÃO
E agora então que os deixo sós...

(*Sobe à varanda. Doval passa com refrescos*)

JORGE
E esse barão que é?

GODOFREDO (*leva-o até o extremo, segreda-lhe*)

Um homem!

JORGE

Previno-te que não estou para troças.

GODOFREDO

Palavra.

JORGE

Pergunto que faz ele?

GODOFREDO

Nada.

JORGE

E de que vive?

GODOFREDO

Da sorte. Não me olhes com fúria. É a pura verdade. Não faz nada e a sorte acompanha-o. Nunca ouvi dizer que um honrado chefe de família tirasse prêmios na loteria. Pois ele já tirou por três vezes.

JORGE

E é a sorte só que o mantém?

GODOFREDO

Claro. O barão tira sempre o prêmio, por que quando não tira na loteria tira dos outros.

(Eva e Jerônimo descem de braço dado)

EVA *(a Jerônimo)*

Estou muito zangada, estou!

JERÔNIMO

Que é preciso fazer para a menina rir?

EVA

Vão jogar o pôquer hoje...

JERÔNIMO

Mas se não fui eu quem lembrou!

EVA

Não é por nada. E só por que se você joga o pôquer acorda tarde, e eu queria que fossem os juntos ao curral. Não é uma bela ideia ver as vacas de madrugada? Devem ter a cara fresca...

JERÔNIMO

Eu acho que as vacas têm sempre a mesma cara.

EVA

Mas é para beber leite quente. Nós dois, sem mais ninguém, depois trazemos as vacas com campainhas para defronte da varanda e acordamos o pessoal com uma barulhada dos diabos. Diga que sim, Jerônimo... diga...

GODOFREDO

Que conspiração é essa?

JORGE

Pode-se saber?

EVA

Não! Este juiz no perene interrogatório! Ora já se viu? Estava falando de um vagabundo que encontramos na estrada e fazia frases. Sujo, os trapos a cobrir-lhe o corpo, o homem deu-nos lições em paradoxos terríveis.

GODOFREDO

Em paradoxos? Um sujeito sujo? Não é possível.

JERÔNIMO

E então por quê?

GODOFREDO

Por que o paradoxo na boca de um sujeito mal vestido é apenas desaforo.

(Os dois sobem rindo)

CARLINHOS

O Godo...

GODOFREDO

Senhor Doutor Godofredo de Alencar. Nada de liberdades comigo.

CARLINHOS

Que importância!

GODOFREDO

A da idade — indiscutível, menino Carlinhos.

CARLINHOS

A Eva meteu-te na combinação?

GODOFREDO

Sim, senhor!

CARLINHOS

Ainda bem. Sabes o que faz agora? Troca os lenços dos que estão na varanda... Você que é literato, permita uma imagem. Ela parece-me uma bacante.

GODOFREDO

Sim, senhor. Uma bacante que só se obtém com passagem pela pretoria. Há muitas assim.

EVA *(na varanda)*

Carlinhos!

CARLINHOS

É algum novo plano. Até já... (*Corre*)

JORGE

Que combinação é essa?

GODOFREDO

Ignoro.

JORGE

Mas disseste que sabias.

GODOFREDO

Por que diante de criança não fica bem ignorar coisa alguma.

JORGE

Outra pilhéria de Eva de certo. Continua a atordoar-se, continua a fugir-me.

EVA (*na varanda*)

Literato! Ó literato!

JORGE

Olha que ela te chama.

GODOFREDO (*tom grave, falso*)

Por quem procura, excelentíssima?

EVA (*mesmo tom*)

Pelo Sr. Dr. Godofredo de Alencar.

GODOFREDO

Ah! Bem. Com respeito vou...

EVA

Pelo rei da Crônica.

GODOFREDO

Já não vou.

EVA (*terna*)

Pelo amiguinho da pequena Eva... Não! Não! o Dr. Jorge não vem.

JORGE

Eu sei. Anda uma partida contra mim.

EVA

Pretensioso!

JORGE

Eva!

EVA

Ora que mania! Eva! Eva! A cada momento este homem diz o meu nome! Parece até desaforo...

JORGE

É que o seu nome não podia ser outro... Eva!

GODOFREDO

Tranquiliza-te, Adão. Pedirei a Eva por ti...

(Riso dos dois. Nisso irrompe uma canção italiana ao longe e o parque se ilumina do clarão de um fogo de bengala. Os dois saem. Prates e Grant já desceram)

SOUZA PRATES (*de relógio na mão*)

Que lhe dizia eu? meia noite e um quarto. Ils sont dressés, ein?

JORGE

Mas era para às onze e meia.

SOUZA PRATES

Você esquece que está no Brasil! Quando no Brasil as coisas não ficam para amanhã já é admirável. Quando demoram só três quartos de hora são imediatas.

DE GRANT

Charmant! Vraiment charmant! Jam ais en France j'ai vu une serenade si bien réussie.

JORGE

O admirável é como os trabalhadores se prestam.

SOUZA PRATES

É até um divertimento. Depois pago-os. Conheço bem a situação desses colonos. E sou enérgico sendo bom. Mantenho a tradição dos velhos Prates, que não desceram como Conde Roxoroiz de Hugo Capeto, mas tem o sangue que se bateu nas cruzadas.

JORGE

Em qual?

SOUZA PRATES

Houve muitas?

JORGE

Várias.

SOUZA PRATES

Os meus bateram-se, com certeza em todas!

DE GRANT

Épatant! Vraiment épatant!

SOUZA PRATES

Mas vejamos, venham ver...

(Sobem os três. A canção terminou. Palmas. Outra canção dolente que tem estribilho. Ester desce, seguida do Carlinhos)

CARLINHOS

Mas que é isso?

ESTER

Não quero mais brincadeiras com você!

CARLINHOS

Mas se eu não fiz nada!

ESTER

Andou cochichando com Eva.

CARLINHOS

Oh! Ester! Você uma menina elegante com essas coisas de brasileira!

ESTER

Brasileira? Vem para cá com essa cantiga. Todas as mulheres são brasileiras quando não admitem desprezo.

CARLINHOS

Ah! Ele é isso? Não lhe ensino mais nem o tango nem o futebol. E corto relações.

ESTER

Que importa!

CARLINHOS

Tenho muita culpa em ter prestado atenção a uma criança das selvas americanas!

ESTER

Felizmente deixei um pedante da tua ordem!

CARLINHOS (*agarra-a*)

Já! Peça perdão.

ESTER
Peça você.

(Neste momento Eva grita na varanda: "Cantem os o estribilho! Todos!" Vê-se que ela rege os cantores. Cantoria desafinada)

CARLINHOS
Em que língua?

ESTER
Em qualquer.

CARLINHOS
Pela última vez, ouviu? Il beg your pardo, sweet heart.

ESTER *(exigente)*
Não quero. Que em brasileiro.

CARLINHOS
Você exige demais.

ESTER
Diga, ou não faço as pazes...

CARLINHOS
Seja. Mas ensine. Só ensinando.

ESTER *(como se ensinasse o padre nosso na algazarra que vem da varanda)*
Perdoe

CARLINHOS
Perdoe.

ESTER
A o seu...

CARLINHOS

A o seu.

ESTER
Benzinho...

CARLINHOS
Que língua! Parece cana de açúcar! (*Com esforço*) benzinho...

ESTER
Que não tem culpa...

(*Mas não continuam. Entram todos os personagens ao fim do coro rindo. Ruidosos*)

DE GRANT
Mais c'est gai!

SOUZA PRATES
Comme à Venise...

ADALGISA
Sous le tunnel du Grand Canal...

MARTA
Eva! Mas é de força.

BARÃO
Brevemente estreio no Municipal. Nunca pensei!

GUIOMAR
E até o Dr. Jorge cantou.

EVA
Mas não entoou.

JORGE
A culpa não é minha.

JERÔNIMO

É do Godofredo que cantou em falsete?

GODOFREDO

Nesta época de falsificações seria um descrédito dar notas que não fossem falsas.

SRA. AZAMBUJA (*a Ester e Carlinhos*)

E vocês não cantaram?

BARÃO

Estavam ensaiando outra cantiga.

SOUZA PRATES

Bem, meus senhores, vamos ao pôquer?

JERÔNIMO

Eu tenho tanto que escrever que pediria dispensa...

DE GRANT

Si vous le perm ettez, Mr. le Conte, je fais relache, tellem ent fatigué.

CARLINHOS

Eu também vou escrever.

GODOFREDO

Se o menino vai escrever, então eu tenho de descrever a festa!

SOUZA PRATES

Mas que é isso? Fico sem parceiros para o pôquer?

BARÃO E se não fizeres questão, também eu aproveito e vou dormir...

(Expectativa geral sorridente)

SOUZA PRATES

Não! Aqui anda coisa. Até o barão. Que maquinam vocês?

OS HOMENS

Nada! Nada!

SOUZA PRATES (*súbita inspiração, agarrando Eva*)

Venha cá a menina.

EVA

Eu? Coitadinha de mim! Nada tenho com isso. Que homens!

SOUZA PRATES

Confessa ou corto-lhe o doce à sobremesa.

EVA

Juro.

SOUZA PRATES

Confessa ou não ganha um bonito...

EVA

Je vous jure, comte!

SOUZA PRATES

Confessa ou tranco-a no quarto, desde esta noite.

EVA

Ah! Isso não! Defendam-me!

TODOS

Não pode! Não pode!

SOUZA PRATES

Silêncio, senhores, estamos no Tribunal. Se a menina confessar, tem tudo quanto quiser e o perdão.

EVA

Você perdoa?

SOUZA PRATES

Diga.

EVA

É que vamos todos ao curral de madrugada trazer as vacas a acordar vocês. Pronto! Feio!

SOUZA PRATES

Liquidado o meu pôquer.

EVA

Perdão!

TODOS

Perdão! Perdão!

GODOFREDO

Até parece o “Quo vadis?”.

SOUZA PRATES

Pois bem. Perdoo. E condeno os trãnsfugas a jogar amanhã o dia inteiro — desde que voltem do curral...

BARÃO

Salvo seja!

TODOS

Apoiado! Barão!

ADALGISA

E agora vamos dormir... E uma hora da noite!

BARÃO

Durmamos.

ESTER

Você vai às vacas?

CARLINHOS

Jam ais de la vie. Que pensa você de mim?

GODOFREDO

Beijo então as mãos da dona que tão maravilhosas horas proporciona aos seus hóspedes.

(Cumprimentos, beijos. Vão saindo aos poucos)

SRA. AZAMBUJA

Vamos, Eva...

EVA

Não, mamã, eu ainda levo Adalgisa.

SRA. AZAMBUJA

Acabas por aborrecer Adalgisa. Toda noite vais deitá-la.

ADALGISA

Que tem isso, se me dá prazer?

EVA

É o flirt. Vou só dar-lhe a boa noite. Deita-te que não tardo.

SRA. AZAMBUJA

Olha que espero.

EVA

Dormindo como toda noite!

SRA. AZAMBUJA

Se repetes, vais já.

EVA

Não, mãezinha do coração. *(Beija)* Até já!

(A Sra. Azambuja sai. O hall está deserto)

EVA *(saltando ao pescoço de Adalgisa)*

Vou contar-te uma porção de coisas, meu amor!

ADALGISA

Qual! estou morrendo de sono... Dez minutos só.

(Saem as duas enlaçadas. Silêncio. Entra Doval, que apaga o lustre central. O luar domina a varanda, chega mesmo ao hall. Na varanda aparece Jorge, que se encosta a uma coluna. Minutos depois Eva sai dos aposentos de Adalgisa. A travessa rapidamente a cena e tem um susto, por que ouve uma voz surda. Volta-se)

JORGE

Boa noite!

EVA

Ah! que susto!

JORGE

Não contava comigo?

EVA

Agora não. *(Procurando formar-se)* Está vendo a lua?

JORGE

Estava a esperá-la.

EVA

Obrigada pela gentileza. Até amanhã. Tem os que acordar cedo.

JORGE

Fique um instante.

EVA
Boa noite.

JORGE
Peço-lhe...

EVA
Mas pelo que vejo, Jorge, você perde a noção das coisas.

JORGE
Que noção?

EVA (*nervosa*)
Não posso mesmo compreender que tenha estado ali de emboscada para flirter comigo a uma hora da manhã. Não fica bem para um engenheiro conservador e respeitador.

JORGE
Tranquilize-se. Por que está tremendo?

EVA
Eu estou tremendo?

JORGE
Com toda a sua coragem.

EVA
Tremendo de quê? O senhor mente. Creio que não me vai faltar o respeito.

JORGE
Oh!

EVA
Acha que devo tremer de cólera pela sua ousadia?

JORGE

Pelo amor de Deus.

EVA

Acha que trema da sociedade, diante desse seu ato?

JORGE

Fale baixo.

EVA

Falo alto.

JORGE

Por que é Eva, perdoe! não a quis magoar. Esqueçamos a minha palavra. Mas escute-me...

EVA

Meu caro engenheiro, quer saber? Acho-o lamentável...

JORGE

Por isso mesmo contava outra coisa...

EVA

Contava com quê?

JORGE

Que tivesse pena de mim, pela derradeira vez, que me ouvisse...

EVA

Sobre a sua paixão?

JORGE

Sobre a nossa vida.

EVA

O senhor a dar-lhe!

JORGE

É um desgraçado que lhe pede.

EVA

Amanhã. Fica para amanhã. Boa noite.

JORGE

Não há mais tempo, amanhã.

EVA

Hein?

JORGE

Parto amanhã cedo, irrevogavelmente — para não voltar mais.

EVA (*irônica*)

E Goiás?

JORGE

Goiás é uma terra irreal. O meu Goiás é a senhora. Depois não fala em prova de amor, em sacrifício? Faça-lhe esse logo e depois o da minha vida.

EVA

São dois, é muito.

JORGE

É nada — por que nada sou. Mas por quem é, Eva! Admito a sua excentricidade, admito a sua desconfiança, admito o seu ar viajado. Mas por isso mesmo, assim como eu a descobri no primeiro momento, sem nunca ter andado tanto, assim como eu a entrevi: sincera, boa, leal, pura, amiga, não é possível que não tenha visto em mim mais do que o engenheiro de Goiás a serviço do Prates, não é possível que não tenha visto alguém que não é fátuo, nem cético, mas um homem, simplesmente um homem com o coração a sangrar.

EVA

Quer obrigar-me a ver muita coisa!

JORGE

Não! Não, não quero obrigar, mesmo que veja. Não peço mesmo por que tenho a certeza do que já viu. Oh! não sorria. Falham-me pretensões ridículas. Não pretendo ser nem mais inteligente nem mais brilhante. Pretendo ter um coração. Um coração!

EVA

De que tamanho?

JORGE

Do tamanho da sinceridade! não faça ironias; elas doem-me. Não faça frases; elas entristecem-me. Não pense mal de mim. Eu não poderia pensar um momento mal a seu respeito. Toda a minha alma, todo o meu pensamento são espelhos encantados da sua imagem. Não quero também que aceite o meu amor. Peço apenas que ouça o dizer-lhe a minha angústia imensa.

EVA

É o que estou a fazer.

JORGE

Por que vê o meu sofrimento, por que tem pena. Eu sinto não lhe poder dizer de chofre este sentir impetuoso como as quedas d'água e os montes que ruem. Ah! Eva. Tenho trinta e dois anos. Estudei, trabalhei. As mulheres passaram por mim, eu passei pelas mulheres. E não as vi. É como se não as tivesse visto. Só compreendi que as não vira quando a encontrei. Foi assombro, foi espanto, foi revelação, foi dor, foi o amor. Sim! Eu amo-a, eu adivinhei-a.

EVA

Está bem certo?

JORGE

Amor é revelação e é eternidade para as almas sem mentira. Adivinhei-a e não a temi. Entreguei-me, infiltrei-me. A cada momento o meu cérebro pensa o seu nome, a cada momento o meu sangue lateja

a sua lembrança, a cada momento o meu coração a chama, a cada momento todo o meu ser grita por si! Cheguei ao trágico instante de cada homem. A existência não a vejo mais eu só. Por mais que almeje dominar-me é impossível. Só compreendo o futuro com a senhora, com a companheira, com a felicidade, como sol. Se a tivesse seria capaz de tudo — das maiores obras, como dos maiores crimes, do horror como da glória. Por que me possui assim? Por que dominou assim? Por que me fez assim? É desesperador! Sei que me afasta. Quero-a cada vez mais. E vou como uma ruína incendiada. Projetos, ideias, trabalho, tudo por terra! Já não sou um homem, sou uma pobre coisa. Com os braços, com as mãos, como coração, partidos! Incapaz! Incapaz de desejo insofrido, de ardor incompreendido, de amor, só de amor!

EVA (*rouca*)
Não grite!

JORGE
Sossegue. Falo baixo. Pela última vez... Era o que queria que ouvisse, é o que eu sinto desde que a vi, é o que sempre fugiu de ouvir.

EVA
Não fugi...

JORGE
Sempre! Com tanta precaução, que me julgo pior, muito pior que os outros. (*Com raiva*) E entretanto nas suas decantadas viagens, nas declarações de que possa ter sido vítima em Paris, na Itália, na Argentina, na China...

EVA
Nunca estive na China, meu amigo...

JORGE
No inferno! Pode ter a certeza de que não encontrou, não encontrará ninguém que a queira tão nobremente, como eu a quero, como eu a

estimo, nos seus defeitos e na sua beleza, como eu a amo no seu coração.

EVA

Por que dizer que conhece o meu coração?

JORGE

Por que já agora há uma sombra que fala.

EVA

É paixão. Passa. Vai ver.

JORGE

E por que neste derradeiro momento não ter franqueza, não dizer que me evitou?

EVA

O senhor atordoa-me.

JORGE

Não tenha dó, diga. Por que não me amou? Já sei! Por que se defende? Já sei! Pôr que não acha ninguém digno de si?... Por que é indiferente?

EVA

Não! Mas não!

JORGE

Para que consolar-me e ver-me partir? Seja, Eva, apenas Eva.

EVA

Mas quero falar. Quem lhe disse que sou indiferente e não julgo ninguém digno de mim? Não, Jorge. É que eu tenho visto, é que eu compreendi.

JORGE

É que leu o filósofo chinês.

EVA

É que tenho medo, tenho medo, muito medo...

JORGE

Por orgulho! Por vaidade!

EVA

Pelo pavor de dar o meu coração para vê-lo desprezado ou o dar a quem não o tenha compreendido. Oh! Não fale. Evitei-o. Evito-o. É verdade. Não se aflija. O senhor é digno. Falo sinceramente. Evitei-o, por medo. Eu sou talvez uma criança. Mas o meu sonho de amor é uma grande união, como se contam nas lendas o abraço para a eternidade sem dúvidas, sem suspeitas. Coração no coração. Esse amor só se faz de sacrifício, de grandes provas. O Sr. Jorge, surge como uma fogueira. Mas será toda vida? Não será? Tenho medo. Mais medo do Jorge que dos outros.

JORGE

Mas diga-me o que quer. Mande. Eu provarei que a amo e que a minha paixão é por toda a vida por que não penso na vida e vivo de paixão.

EVA

Não me atordoe! não me atordoe!

JORGE

Por que a minha vida decorrerá do seu gesto como brotam os rios das fontes puras, por que o meu coração abrirá em calma, por que eu só quero, só peço, eu só imploro viver no seu perfume, o perfume da rosa, o perfume de todas as rosas.

EVA

E se eu fosse má?

JORGE

Eu seria mau.

EVA

E se eu fosse infame?

JORGE

Continuaria a amá-la.

EVA

E se eu lhe exigisse o maior crime?

JORGE

Mande!

EVA (*debatendo-se*)

Não me conhece, Jorge!

JORGE

Amo-a.

EVA

Não me tente ao mal!

JORGE (*quase a envolvendo-a*)

Amor!

(Mas entra da mata um chilreio de pássaros. Os dois param atônitos, estavam quase juntos)

EVA

Meu Deus! os pássaros. É madrugada!

JORGE (*corre a varanda*)

Não, apenas três horas. Os pássaros madrugam.

EVA

Pensam que a lua é o sol...

JORGE

Ou chamam o dia...

EVA

É a verdade da aurora. Como está linda a noite! E tão sossegada e tão azul. Que silêncio! É como um grande grito que não se ouve... (*Os pássaros continuam a chilrear*) Mas é madrugada! Não! Não posso mais ficar. Que fez o senhor, hein?

JORGE

Eva, como está linda! Como está linda! É como a noite azul, donde surge a aurora de rosas. Eva, tenha piedade, responda. Já me ouviu. Decida da minha sorte. Devo ficar, devo partir...

EVA

Silêncio! Não vá acordar alguém.

(Vai nas pontas dos pés para a porta, olhando o luar. Os pássaros chilram. Está à porta)

JORGE

Eva, devo partir amanhã?

EVA *(baixo)*

Sim...

JORGE *(desespero)*

Eva! Eva! eu parto amanhã para sempre!

EVA *(sorrindo, à porta)*

Psiiu! *(Pausa)* Sim! Depois de amanhã... sem falta!...

(Desaparece. E o pano desce enquanto Jorge, entre o riso e o choro, a raiva e o encanto, cai sobre o divã, no pleno luar, murmurando: Eva! Eva!)

ATO III

Às onze horas do dia seguinte. O aspecto é de agitação geral, dessa agitação subitânea de que parecem participar os objetos. Não houve aliás limpeza. O aspecto da agitação talvez seja apenas desarrumação. Retinem campainhas. Passam dois homens pela varanda apressados. — Estão a falar Godofredo. Doval.

GODOFREDO

Rien de nouveau?

DOVAL

Rien, monsieur.

GODOFREDO

Et madame?

DOVAL

Elle est en train de causer avec le com m issaire. (*A campainha insiste*)
Vous permettez, monsieur?

GODOFREDO

Certamente... (*Súbito*) Mas oras bolas! Escute cá. Você é francês?

DOVAL

Não, senhor; sou português.

GODOFREDO

E por que diabo obriga o próximo a falar francês?

DOVAL

São ordens.

GODOFREDO

Pois comigo não tome, ouviu? Estou farto de férias!

(Entra Jorge. A campainha retine. Doval precipita-se)

JORGE

Mas que é isso? Zangado?

GODOFREDO

Não é para menos.

JORGE

Algum a coisa de novo?

GODOFREDO

Diga-me cá: donde vem você?

JORGE

De passear. Eva falhou a visita ao curral e eu fui dar um longo passeio a pé pelos cafezais.

GODOFREDO

Romanticamente? Pois enquanto o senhor, bucolizava, eu assistia a uma tragédia ridícula e atroz.

JORGE

Que há?

GODOFREDO

Há que roubaram esta madrugada o colar de pérolas de Adalgisa!

JORGE

Mas não é verdade!...

GODOFREDO

Tudo quanto há de mais verdade.

JORGE

Esta madrugada?

GODOFREDO

Esta madrugada ou esta noite. O certo é que roubaram!

JORGE

Saltaram a janela?

GODOFREDO

Sei lá! O fato é que roubara-me não há vestígios.

(Marta e Guiomar entram)

MARTA

Ah! Godofredo, que horror!

GODOFREDO

E Adalgisa?

GUIOMAR

Continua nervosíssima. Quer agora guiar as diligencias. Chora.

JORGE

Mas não há uma pista? Não se sabe nada? Quem teria sido?

MARTA

Principalmente a imprudência. Não se deixam por cima dos móveis joias daquele valor!

(Entram Barão Lopes e Carlinhos Pereira)

CARLINHOS

Bom dia!

BARÃO

Que ar é esse?

GUIOMAR

Ainda não sabem?

GODOFREDO

Qual! Aqui ninguém sabe nada...

CARLINHOS

Como havemos de saber, se chegam os de passear?

GODOFREDO

Isto é um passeio geral! Todos passeiam.

MARTA

Roubaram o colar de pérolas de Adalgisa!

BARÃO

Hein?

CARLINHOS

Como?

JORGE

Apenas!

GODOFREDO

E nada menos agradável para todos nós.

BARÃO

Tem os a repetição da cena tristíssima do ano passado.

GODOFREDO

Desagradabilíssima e com acréscimos. Souza Prates tomou desta vez providências.

CARLINHOS

Quais?

MARTA

Telefonou imediatamente a Ribeirão Preto, que mandou um destacamento de polícia em carroção automóvel e alguns agentes. O próprio delegado veio e já iniciou as diligências.

JORGE

Acho que o Prates fez bem.

BARÃO

Um a joia de duzentos contos!

GUIOMAR

Coitada da Adalgisa! Sabem que ela teve um sonho avisador? Pois acordou às 7 horas e correu logo a ver o colar. Imaginem o momento angustioso!

MARTA

O Delegado deu ordem para que ninguém saia da fazenda. E diz que em vinte e quatro horas restitui o colar!

CARLINHOS

Como o diamante.

GUIOMAR

Neste tempo era outro.

GODOFREDO

E os delegados sucedem-se, mas não se parecem. Esse é dandy, aplicando a ciência do imediatismo: a atração no descobrimento.

(Entra a Sra. Azambuja, aflita e pouco depois entra Jerônimo)

SRA. AZAMBUJA

Todos os colonos surpreendidos no trabalho e as casas revistadas, meus filhos!

MARTA

São as ordens...

SRA. AZAMBUJA

Creio que também se procederá a revista aqui.

BARÃO

Aqui?

CARLINHOS

Mas é um vexame!

MARTA

É angustioso.

GODOFREDO

Muito desagradável. *(A Jerônimo que entra)* Que novidade temos?

JERÔNIMO

Venho de assistir à interrupção do trabalho para revistarem os colonos.

(Impressão de pasmo e de fúria. Um deles diz que se vai queixar ao Patronato. Faz um discurso. As coisas tomam proporções muito pouco interessantes)

SRA. AZAMBUJA

É lá possível que seja um deles! O roubo foi de gente de casa!

MARTA

Madame Azambuja dá razão ao delegado...

JORGE

E creio que tem razão.

(Eva entra. Grande tristeza)

EVA

Bom dia, meus senhores!

MARTA

Adalgisa um pouco melhor?

EVA

Mais nervosa. Quer ir com agentes.

GODOFREDO

Perdeu a cabeça!

(Sai com Carlinhos e Guiomar)

EVA

Perdeu duzentos contos.

BARÃO

E na vida só há uma coisa séria para todos: o dinheiro.

EVA

Não posso mais acompanhá-la estou extenuada.

JORGE

Não se comova tanto.

EVA

Era o senhor que dava opiniões sobre o roubo?

JORGE

Concordava com sua mãe.

MARTA

Eu juro que é gente de casa. E que o roubo foi de madrugada.

EVA

Por quê?

SRA. AZAMBUJA

Porque deixaste tardíssimo o quarto de Adalgisa...

EVA

Não digas tolices, mamãe. Não demorei um quarto de hora com Adalgisa. Tu dormes e vês as horas errado. Dr. Jorge, concorda também que fosse de madrugada?

JORGE

É difícil dizer, minha senhora...

(Guiomar e Godofredo voltam)

GUIOMAR

O delegado fareja todos os pontos da fazenda. Vai com certeza chegar o momento dos nossos aposentos.

MARTA

Souza Prates não consentirá.

GODOFREDO

Por que não? É muito melhor. Sou até da opinião que devemos obrigá-lo a essa espécie de corrida. Nada de suspeitas. Eu prefiro que me chamem só a mim de ladrão a ser suspeitado de roubo com mil pessoas que mutuamente se suspeitam. Não concordam comigo, os senhores?

JORGE e JERÔNIMO

Naturalmente.

BARÃO

Eu acho que os crimes deviam ser punidos pelo que deles fica aos outros, de aborrecimentos.

GODOFREDO

É um belo pensamento, mas que nada adianta. A questão é sairmos todos desse horror, limpos.

EVA

Como você exagera!

GODOFREDO

Acha?

EVA

Pensem os um pouco na dor de Adalgisa!

GODOFREDO

De acordo. Mas desejando que nos revistem todos.

MARTA

É estúpido isso!

SRA. AZAMBUJA (*à porta saindo com Marta*)

É uma grosseria.

GODOFREDO

A polícia é sempre grosseira. Está nisso a sua única razão de ser.

EVA

Qual a sua opinião, Dr. Jorge?

JORGE

A sua, Eva.

EVA

Sempre?

JORGE

Sempre.

EVA

Ainda bem!

(*Entra Souza Prates, violentamente*)

SOUZA PRATES

Bom dia, meus senhores!

BARÃO

Meu Amigo.

(Apertos de mão febris e rápidos)

TODOS

Então? Que mais há?

SOUZA PRATES

Desta vez o ladrão é apanhado. Fatalmente. Inexoravelmente. Nada da tibieza do ano passado. Juntarei forças. O caso é gravíssimo.

JERÔNIMO

Trata-se de uma fortuna.

GODOFREDO

E da nossa reputação — da de todos nós.

SOUZA PRATES

Posso contar com o auxílio dos amigos, neste delicado momento...

TODOS

Oh! Prates! Conde!

GODOFREDO

Nós é que contamos sofregamente com você.

EVA

Godó, a sua irritação parece pouco razoável.

GODOFREDO

E que tem a menina com isso?

JORGE

É que devemos ter pena em vez dessa raiva.

SOUZA PRATES

E não há motivo algum.

GODOFREDO

Estamos aqui entretanto como a mulher de César apelando para César.

BARÃO

Você é doido!

JORGE

É de resto a minha opinião!...

EVA

É?

JORGE

Acha que é possível ter outra?...

JERÔNIMO

Mas enfim que providências tomaram?

SOUZA PRATES

Adalgisa acordou cedo e correu a ver o colar. Não o encontrou.

(Acordou-me. Não perdi um segundo. Exigi segredo e telefonei para Ribeirão Preto pedindo força e explicando o fato ao delegado. Foi às 7 da manhã. Às 10 já tinha a polícia e vários agentes. Ninguém saiu da fazenda. Não faltava uma pessoa. O delegado é inflexível e fez com os agentes um reconhecimento geral)

BARÃO

E sua mulher?

SOUZA PRATES

Nervosíssima. Nunca pensei. Um a exaltação. Lá partiu com os amigos e um dos agentes, a visitar as casas dos empregados. Mas, meus amigos, não sei se conhecem as resoluções do Sr. Antônio da Maia, o delegado?

GODOFREDO

São excelentes.

JORGE

Para todos.

SOUZA PRATES

Meus amigos, é um incidente que deploro muito. Vale antes submetermo-nos à exigência da autoridade. É horrível. Peço-lhes desculpas.

JERÔNIMO

Mas de quê?

BARÃO

Esse Maia não é um pequeno pretensioso filho dos Maia de Campinas?

GODOFREDO

É um Maia, barão, que nos tem na mão. E basta.

EVA

Souza Prates, escute. Tenho vontade de chorar. Não abandone Adalgisa. Ela vai ter alguma coisa. Oh! Meu Deus!

JORGE

Eva, coragem. Não me desespere.

BARÃO

Que é isso menina?

(Entra a Sra. Azambuja. O Dr. Antônio Maia está à porta. É o jovem paulista, de boa família, bem vestido, que inicia a carreira política na polícia. Tom de superioridade, de quem não quer ser discutido)

SRA. AZAMBUJA

Lá se foi Adalgisa! Conde, o delegado que lhe quer falar...

SOUZA PRATES

Então, meu caro amigo?...

MAIA *(que entra)*

Ainda nada. Como lhe disse, porém, dentro de vinte e quatro horas terá o seu colar. Conde, esquece de apresentar-me...

SOUZA PRATES

Oh! Perdão. Meus amigos, o Sr. Dr. Antônio de Maia, autoridade, o barão Lopes, o engenheiro Jorge Fontoura, o literato Godofredo de Alencar.

(As apresentações seguem-se como se estivessem num baile, depois da dinamite)

BARÃO

É da família do conselheiro Maia de Campinas?

MAIA

Com efeito. Muita honra. Alguns já tenho o prazer... Pois como dizia ao Conde Prates: a moderna escola de investigação criminal não pode encontrar dificuldades na descoberta de qualquer crime. Adotamos métodos de cura, diversos, múltiplos, mas sempre de êxito. Som os bem os médicos sociais, os operadores das avarias da sociedade.

EVA

Tem os, além do colar perdido de Adalgisa, um romance de Conan Doyle...

MAIA:

Oh! Mademoiselle, por quem é. Não se trata de romances, por que não há mistérios. A ciência afasta o mistério. Estimo ver entre os presentes o ilustre cronista fluminense Godofredo de Alencar.

EVA

Sempre o prestígio da imprensa...

GODOFREDO

Oh! Sr. de Maia...

MAIA

Como não ignora, a polícia do Rio, deixa, neste ponto, muito a desejar.

GODOFREDO

Não temos polícia, temos uma dependência política, é verdade. Mas de fato, esse serviço seria inútil no Rio, por que tem os um serviço natural: o da delação sem responsabilidade.

MAIA

Vossa excelência verá não a minha capacidade pessoal, mas a segurança, o aparelhamento da polícia de São Paulo.

GODOFREDO

Os jornais dizem-na admirável.

BARÃO

E louvada até em Buenos Aires.

MAIA

Neste momento, por exemplo, eu estou senhor do colar da condessa Prates.

TODOS

Oh!

SOUZA PRATES

Já o achou?

MAIA

Ainda não. Nada de precipitação. Apenas procedo do geral para o particular, estreitando os círculos. Não foi ninguém de fora da fazenda. Logo o colar está na fazenda, estou senhor de todos os habitantes da fazenda. Entre esses habitantes está o ladrão, que vai entregar o colar...

SRA. AZAMBUJA

Que o ouçam os anjos!

EVA

Se o não tiver escondido...

GUIOMAR

Se o apanhar...

MAIA

Confio muito na opinião das senhoras. Devo dizer-lhes, porém, que eu vou gradativamente apertando os círculos. O ladrão confessa por que eu vou até ao ladrão.

BARÃO (*a Godofredo*)

Parece-me de força o Maia.

GODOFREDO

A mim parece-me idiota.

MAIA

Depois todos os senhores vão ter a bondade de auxiliar-me. As dependências da fazenda estão vigiadas. Esta casa também. Por todos os lados. Não entra nem sai ninguém sem ser revistado. Vamos que o ladrão seja um doméstico, conhecedor dos hábitos internos. Por isso mesmo, é certo que a esta hora perdeu a cabeça. E não inventará algum truque para se salvar? Eis por que temendo a criadagem, falei ao conde e agora repito-lhes o meu pedido de uma visita aos aposentos de cada um. É apenas a formalidade científica. Sou um

gentleman. Parodiando, porém, o célebre verso, a polícia tem razões que a razão não conhece. E desejaria também, para, no caso de não se descobrir o ladrão, ficar nítida a reputação de cada um...

JORGE

A ficha antropométrica?

MAIA (*calmo*)

A simples notação dos valores de cada um.

GODOFREDO

A revista!

EVA

O Dr. Maia vai revistar-nos?

MAIA

Mademoiselle...

EVA

Vamos entrar num compartimento para o exame?

SOUZA PRATES (*vexadíssimo*)

Eva! Meus senhores, peço-lhes ainda uma vez desculpas.

MAIA

Não! Não! Ne nous em ballons pas. Um a simples inspeção geral à vista de todos. Noto a vossas excelências que não há da minha parte a sombra de uma suspeita, que seria idiota. Há o desejo de deixar limpa uma situação, penosa de certo para todos. O roubo deu-se sem que houvesse violência. O ladrão entrou por aquela porta e tomou o colar que o descuido de Madame Prates deixara no toucador.

JORGE (*cada vez mais nervoso*)

Acho que não devemos fazer esperar o Doutor Maia.

(O grupo sai pela porta do lado dos apartamentos, gerais, que ficam em face dos Condes de Prates. Confusão um momento, Jorge é o último a aproximar, e quando vai desaparecer, Eva agarra-lhe o braço. Surpresa)

EVA

Chut! Escute Jorge, escute.

JORGE

Que tem?

EVA *(mudada, olhos rasos, a r trágico)*

E bem verdade o que disse ontem?

JORGE *(atônito)*

Não minto nunca. E tenho a alma radiante.

EVA

É bem verdade que me ama?

JORGE

Mas, Eva, está nervosa!... Que tem?

EVA

Diga-me: Mantém os seus juramentos?

JORGE

Está aflita. Nunca a vi assim!

EVA

Diga-me: Mantém os seus juramentos?

JORGE

Mas que há? Mantenho, já lho disse.

EVA

Jorge! Jorge!

JORGE

Eva, vejo-a sofrer. Por mais que estime Adalgisa, esses nervos não podem ser por causa do furto do colar.

EVA

Jorge, eu fugi do seu amor, eu temi, eu não quis, que não podia querer por que o estimava muito, por que o achava muito digno e muito reto...

(Rebenta em soluços)

JORGE

Pelo amor de Deus, fale!

EVA

Jorge, só o senhor me pode salvar. Apesar de tudo, só vejo a si para salvar-me.

JORGE

Mas fale claro, diga! Aterra-me.

EVA *(rouca)*

Fui eu que roubei o colar!

JORGE *(no auge)*

Eva! *(recua)* a senhora? Você? Mas não minta, Eva! Não é possível. Está jogando uma farsa a derradeira, quer experimentar um infeliz. Não! Não! *(Rindo nervoso)* Pois sim!

EVA

Fui eu que roubei o colar!

JORGE

Não brinque, Eva não brinque...

EVA

Fui eu que roubei o colar!

JORGE

Mas como? Por quê? Para quê?

EVA

Não sei. Desejo, tentação, quase a certeza de não ser suspeitada.
Loucura! Loucura!

JORGE

Como? A que horas?

EVA

Na ocasião em que ela deixou no toucador, ontem à noite...

JORGE

Meu Deus!

EVA

Talvez me arrependesse. Eu gosto tanto de Adalgisa!... Mas o seu encontro, a sua conversa... Acordei tarde, com a polícia já aí. Não tive mais coragem — por que não era mais possível passar por brincadeira. Como eu sofro!

JORGE

Ontem à noite tinha o colar!

EVA

E ouvi-o, e escutei a sua paixão. Era tal o meu medo que não pude resistir. Eu só temia que gritasse, que viesse gente, que Adalgisa acordasse...

JORGE

Mas é horrível! Horrível!

EVA

Tenha pena de mim!

JORGE

É possível que me tenha enganado? É possível que o ser a quem erigi um altar seja assim? Não! Não!

EVA

Jorge, não há tempo a perder. Vejo a situação clara. Vejo-a como se estivesse no outro mundo. A visita aos aposentos não dará nada. A revista será depois. É preciso calma. (*Mordendo o lenço*) Calma! Jorge, quer salvar-me?

JORGE

Mas onde está o colar?

EVA

Comigo, aqui! (*Bate no peito*)

JORGE

Não é possível. Eva! Não me mate, não minta!

EVA

Salve-me, Jorge!

JORGE

Mas jogue para um canto esse horror! Largue isso...

EVA

Para ser encontrado pela polícia! Para nos interrogatórios ficar sabido que eu fui a última pessoa a estar com Adalgisa?...

JORGE

E que eu estive depois consigo! Deus do céu! Um roubo!

EVA

Só o Senhor pode salvar-me! Esta madrugada jurava um sacrifício por amor... Oh! Eu sei que não pode mais ser amor... Mas atenda-me! Atenda-me! Com desprezo! Com asco! Com ódio! Mas atenda!

JORGE

Um a ladra! Um a ladra o meu amor!

EVA

Não há tempo a perder! Jorge! Jorge!

JORGE

Que tremendo horror a senhora ocultava! E foi a minha perdição.

EVA

Jorge, salva-me ou não?

JORGE

Por quê?

EVA

Por que eu arrebento a cabeça no primeiro portal.

JORGE

Ruína de minha vida... dor... Dê-me a joia. Eu direi que fui o ladrão.

EVA

Não! não quero isso! Não! Quero apenas que seja o primeiro a ser revistado. Depois passar-lhe-ei o colar.

JORGE

Obriga-me a uma cumplicidade.

EVA

Que terá começado ontem à noite, se a polícia vier a entrar em interrogatórios.

JORGE

Eva!

EVA

Foi a fatalidade. Mas juro, Jorge, juro por tudo, pelo que me inspirou, juro que restituirei a joia, como jamais na vida se me apagará da alma a sua figura. Jorge! Jorge! (*Soluça*)

JORGE

Mas, não! Mas, não! Pelo amor de Deus!

EVA

Silêncio ou perde-me! (*Voz que procura ser natural*) Pobre Adalgisa! Mas acredita, Jorge, que o Dr. Maia descubra o colar dentro de vinte e quatro horas? Que alegria seria!... É que há o rumor das vozes ao entrar no *hall*.

(*Voltam o Sr. Dr. Maia, Souza Prates, Barão Lopes, Jerônimo, Godofredo, Guiomar, Sra. Azambuja, Marta*)

MAIA (*a Eva*)

Vai ter essa alegria.

EVA

Ouviu?

MAIA

Ouvidos da autoridade...

EVA

E já descobriu?

MAIA

Já por que tenho a certeza de descobrir.

BARÃO

Um pouco como Cristóvão Colombo com a América.

MAIA

Sem ironia. É verdade. Como o foi a América.

JERÔNIMO

E o é...

GODOFREDO (*a Jorge*)

Mas que tens tu?

JORGE

Nada!

GODOFREDO

Estás pálido, estás outro.

JORGE

Uma enxaqueca — a maior enxaqueca da minha vida, filho, e a última.

SOUZA PRATES

Não sei como lhes agradecer... Assim, doutor, a sua primeira exigência foi cumprida.

MAIA

Está sendo cumprida. São diligências iniciais. Antes de começarmos a pesquisa. Os meus agentes interrogam o pessoal.

BARÃO

E chega a nossa vez...

MAIA

Um simples princípio igualitário.

SRA. AZAMBUJA

Talvez vexante.

SOUZA PRATES

Por quem é. Sr. Dr. Maia.

MAIA

Conde sou um gentleman. Sem outro desejo senão o de tomar regular uma diligência que precisa ser rápida. O Sr. Conde falou-me do diamante do ano passado...

GODOFREDO

Não haja suspeitas.

EVA

Então, vamos começar?

MAIA

Eu mesmo me encarregarei, sem agentes. Compreendem...

EVA

E Adalgisa?

GUIOMAR

Está com um agente. De Grant, Carlinhos e Ester na casa do jardineiro.

SOUZA PRATES

O Jardineiro é, aliás, um tipo insuspeito, de toda confiança.

MAIA

Seria melhor estarmos todos.

MARTA

Vou eu chamá-los...

EVA

O que não impede que o Dr. Maia inicie os seus trabalhos.

MAIA

Trabalhos, mademoiselle! Como vossa excelência exagera!

EVA

Vai o Dr. Jorge. Comecem por ele (*exasperação nervosa*) eu desejaria que não se tratasse do colar de Adalgisa. Seria tão divertido! Vá, Dr. Jorge! Cuidado Sr. Delegado. Ele tem Goiás dentro do bolso.

(*Jorge aproximando-se, maquinalmente trágico*)

GUIOMAR

E Jorge que toma o caso a sério!

EVA (*quase chorando*)

É temperamento...

MAIA (*ligeiro exame*)

Conheço muito o doutor como engenheiro ilustre. Não fez um concurso na Politécnica? Já de resto nos encontramos certa vez nos chás do Municipal, em São Paulo.

JORGE (*surdo*)

Talvez.

MAIA

Olhos policiais... Não esquecem nunca. Obrigadíssimo. Mil perdões.

GODOFREDO

Agora eu!

MAIA

Sinto que o ilustre cronista diverte-se.

GODOFREDO

Como nunca...

EVA (*a Jorge que voltou, dando-lhe o lenço amarrado*)

Tome!

JORGE

Eva!

EVA

Por sua mãe, Jorge. É a minha vergonha...

JORGE

Desgraçada! É toda a minha vida de honra perdida! (*Toma-lhe o lenço, febril, quase louco*)

EVA

Basta de homens. Agora é a minha vez.

BARÃO

Com toda a tua pena de Adalgisa, já estás brincando de delegacia.

GUIOMAR

É gênio!

MAIA:

Mademoiselle está na idade de rir.

EVA

Devo levantar as mãos para o ar?

(*Mas neste momento chegam Ester, Carlos, Grant*)

ESTER

Que é isto? Mandaram chamar?

SRA. AZAMBUJA

Um simples exame...

SOUZA PRATES

Monsieur le Consul de France.

MAIA

Enchanté de faire votre connaissance, Monsieur.

DE GRANT

De môme, Monsieur.

JERÔNIMO

E Marta?

CARLINHOS

Com Adalgisa e o agente na casa do jardineiro, aqui ao lado.

EVA (*vindo a Jorge*)

Obrigada, Jorge!

JORGE

Tom e o lenço.

EVA

Guarde-o ainda.

JORGE

É que ele queima. Como o remorso. Como o crime. Como o meu próprio incêndio. Como a desgraça. Tome.

EVA

Guarde-o, Jorge. Ou faça dele o que quiser. Que me importa. A minha vida é sua.

JORGE

Tom e o lenço, Eva.

EVA

Não.

JORGE

Não! Eu é que não posso, não posso mais. Ou recebe-o ou vou entregá-lo à justiça, agora, já, à vista de todos.

EVA

Vai perder-me!

JORGE

Vou dizer que roubei.

EVA

Não o fará! Não o fará!

JORGE

Lembre-se de que perdeu um homem que a amava.

EVA

Jorge!

JORGE (*alto*)

Dr. Maia!

EVA (*grito*)

Jorge!

(*Voz de Adalgisa fora: — Antero! Antero! Antero!*)

SOUZA PRATES

Minha mulher!

(*Precipitam-se todos*)

JORGE (*alto*)

Dr. Maia, preciso falar-lhe.

(*Adalgisa entra com Marta, a correr pela galeria*)

ADALGISA

Antero, o colar! Encontramos o colar! Olha-o! Olha-o.

TODOS

Oh! Enfim!

SOUZA PRATES

Onde? Onde? minha filha?

MARTA

Com o jardineiro, num buraco da casa. Já está preso.

MAIA

Que lhes dizia eu?

ADALGISA

O meu colar, minhas amigas! O meu lindo colar...

(Rompe num choro nervoso. Todos em torno precipitam-se, consolando-a)

GODOFREDO

É a crise que eu temia sem colar!

BARÃO

Felizmente vem com ele. Não há crise de importância com duzentos contos.

JERÔNIMO

Respiro!

SOUZA PRATES

Adalgisa! Adalgisa! Que é isso...

(Enquanto as senhoras e os cavalheiros esforçam-se, com vidros de saís e consolos em torno das lágrimas de Adalgisa, Condessa Souza Prates, Jorge no primeiro plano da cena, voltou-se para Eva, que caiu numa cadeira olhando-o ardentemente. A sua fisionomia é de espanto, de dor, de cansaço, indivisível por que tudo lhe passa pela cabeça. Caminha afastando-se. Volta-se. Desenrola lentamente o lenço. Há dentro apenas o cordão de Eva)

JORGE

O sacrifício!...

EVA

Jorge... Jorgesinho... Eu sei que fui cruel... demais... muito. Eu te amava... desde o primeiro dia... eu sou assim... eu seria capaz de fazer por ti o mesmo... Jorge... Jorgesinho... Foi loucura. Foi de ontem à noite... E depois logo o roubo... Passou-me pela cabeça... eu não sou má...

JORGE

Só por brincado...

EVA

Não... por amor... Por que eu esperava sempre que viesses... porque eu queria ter a certeza... Tu deste tudo... a honra... a esperança.

JORGE

Que é isso?

EVA

E eu não quero nada... nada mais... estou arrependida. Que esforço, que dor... podes fazer o que quiser... ninguém mais pensará em Eva... foi o seu último brincado. Mas o meu amor, o meu amor por ti é tão grande que nada no mundo me fará esquecer... Jorge, Jorgesinho (*ele levanta-se, arrasta-se*) deixa-me beijar a tua mão. (*Beija-a*)

JORGE (*as lágrimas saltam-lhe dos olhos*)

Mulher! Mulher!

GODOFREDO (*voltando-se e vendo a cena*)

Mas que é isso!

SRA. AZAMBUJA

Minha filha!

BARÃO

É espantoso!

TODOS

Mas que há? Tem alguma coisa...

EVA

É que o roubo do teu colar, Adalgisa, me trouxe a felicidade...

GODOFREDO

Qual! Desta vez nem o gatuno foi feliz.

EVA

É que eu vi o coração de um homem. E que eu vi! (*Rebenta em prantos*)

SRA. AZAMBUJA

Mas que tens, não chores assim. Olha, que me molhas a blusa...

ADALGISA (*erguendo-se*)

Que tens Eva?

ESTER

Algum a criançada!

EVA

É que se Jorge não me perdoar, minha mãe, eu vou morrer...

ADALGISA

Mas que fizeste a Jorge?

EVA

É que eu o amo... muito, muito, loucamente...

GODOFREDO

A verdade inteira da vida! Ela ama-te, Jorge. Perdoa-lhe. Tem sido assim, desde Adão, e todos os trabalhos do homem são por causa de Eva...

JORGE

Mas se eu até agora não fiz nada! Meus senhores, o momento é de tal forma... Eu não sei se Eva aceitaria que eu pedisse a Madame Azambuja, a mãe de sua filha?

SRA. AZAMBUJA

Mas eu não sei...

SOUZA PRATES

Fale, Jorge. Fale...

EVA

Jorge... (*Correndo a ele*) Meu amor! Amo-te...

BARÃO

Afinal a manhã sempre acabou melhor do que começara...

SOUZA PRATES

Graças a Deus...

GODOFREDO (*apontando o par*)

Com a eterna continuação da vida, que custa tanto, mesmo sem colares... Eva...

BARÃO

E o pobre Adão!

(O pano no meio do riso e dos cumprimentos das senhoras e dos cavalheiros. Há rumor. O relógio bate meio dia. Ainda está batendo, quando o pano se fecha...)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com